
A Sombra Nazista sobre o Debate em Relação à Eutanásia

Anselmo Carvalho DE OLIVEIRA¹

Resumo

O influente artigo "Medical Science under Dictatorship" do Major Dr. Leo Alexander associou a ideia nazista de extermínio seletivo de pessoas cuja vida "não vale a pena ser vivida", lebensunwertes Leben, à prática da eutanásia. Vincular a ideia de eutanásia ao regime nazista ainda é uma prática de depreciação adotada pela mídia sensacionalista e por alguns teóricos conservadores; entretanto, argumenta-se, neste artigo, que o genocídio nazista não pode, por suas características e intenções, ser associado à ideia de eutanásia em nenhum aspecto.

Palavras-chave: Eutanásia, Nazismo, Genocídio, Leo Alexander.

The Nazi Shadow over the Debate about Euthanasia in the 20th Century

Abstract

The influential article "Medical Science under Dictatorship" written by Major Dr. Leo Alexander connected the Nazi idea of selective extermination of people whose lives "not worth being lived" (lebensunwertes Leben) with the practice of euthanasia. Linking the idea of euthanasia with the Nazi regime is still a practice of depreciation adopted by sensationalist media and by some conservative theorists; however, it is argued in this article that the Nazi genocide cannot, by their characteristics and intentions, be associated with the idea of euthanasia in any way.

Key Words: Euthanasia, Nazism, Genocide, Leo Alexander.

¹ Mestre em Filosofia pela UFRN, Especialista em Bioética pela UFLA, Graduado em Filosofia pela UFSJ. E-mail: anselmocarvalhooliveira@yahoo.com.br.

Introdução

A eutanásia, na segunda metade do século XX, passou a ser amplamente questionada a partir da perspectiva que a considera o melhor exemplo das atrocidades nazistas. Alguns críticos, sobretudo aqueles de tendência conservadora, buscam relacionar a eutanásia ao extermínio de milhões de judeus, ciganos e não germânicos nos campos de concentração, como se fossem a mesma coisa. Em diversas reportagens em veículos de massa, a estratégia utilizada é ilustrar os textos com imagens de “vítimas da eutanásia” e da “Ordem da eutanásia” no Terceiro Reich. Atualmente, o extermínio nazista é denominado, por vários estudiosos, especificamente, de “eutanásia eugênica”. O Holocausto nazista ainda persiste como uma sombra sobre as discussões acerca da permissividade da eutanásia.

Procura-se, neste pequeno artigo, retomar as bases históricas dessa sombra lançada sobre a concepção de eutanásia no ocidente através da releitura do principal texto que relaciona a eutanásia ao regime de execuções nazista.

Lebensunwertes Leben e o Programa de “Eutanásia” Naziasta

Existiu um programa nazista de eutanásia? A origem da perniciososa ligação entre eutanásia e nazismo nos debates de bioética do fim da vida na contemporaneidade foi trazida ao primeiro plano pelo famoso artigo: “Medical Science under Dictatorship”, publicado em 1949, texto escrito pelo Major Dr. Leo Alexander, psiquiatra do exército americano encarregado de escrever um relatório sobre a esterilização compulsória e o programa de “eutanásia” de Hitler, denominado “AKTION T4” (Tiergartenstrasse 4).

A adoção de medidas para abreviar a vida vinha sendo discutida no contexto médico nazista desde 1931; em 1934, promulga-se a "Law for Averting Hereditarily Diseased Progeny", que legalizou a esterilização forçada; e em 1935, a "Law to Safeguard the Hereditary Health of the German People", que legalizou o aborto nos casos em que os ascendentes da gravida sofressem de determinadas doenças hereditárias; em 1936, há a menção de eliminar os deficientes físicos e mentais no artigo “Beitrag zur psychischen Anstaltsbehandlung Tuberkuloser”, de autoria de um oficial alemão. A primeira ordem direta para a execução do programa de eutanásia foi emitida em 1º de setembro de 1939

por Hitler. A seção médica do programa ficou sob a responsabilidade do Dr. Karl Brandt, e a seção administração sob a de Phillip Bauhler (NUREMBERG MILITARY TRIBUNALS, Vol. 1, 1946-1949).

O programa nazista começou com um período de “educação” em que foram criados vídeos de propaganda. Um dos mais famosos retratava a história de uma mulher com esclerose múltipla; quando seu marido percebe que aquela vida não vale a pena ser vivida, tira a sua vida ao som de uma música clássica tranquila executada por um colega no quarto ao lado. Nas escolas, eram utilizados textos nos quais problemas de matemática eram expressos em termos de custos e benefícios em relação ao tratamento dos pacientes crônicos.

As instituições públicas, principalmente hospícios e hospitais, desempenhavam um papel preponderante no programa. Os médicos e enfermeiras eram obrigados a informar às autoridades sobre todos os pacientes com doenças há mais de cinco anos e incapazes de trabalhar nesse período. Os estudantes de medicina foram treinados para analisar e indicar os bebês e as crianças para o programa T4.

A seleção para o programa era realizada através de um relatório impessoal e mecânico cujas perguntas eram: nome, raça, estado civil, nacionalidade, parente mais próximo, se recebia ou não visitas, quem eram, quem arcava com as responsabilidades financeiras e outras perguntas nesse sentido. Esse questionário não levava em consideração os interesses dos pacientes, as opiniões dos médicos que estavam em relação direta com eles e não se consultava os seus familiares. Consultores especializados analisavam administrativamente esses questionários, e as escolhas eram feitas a partir de seus pareceres. Falecidos os pacientes, suas famílias recebiam atestados de óbitos falsos.

A decisão sobre quais os pacientes deveriam ser mortos foi feita inteiramente com base nestas breves informações por consultores especializados, a maioria dos quais professores de psiquiatria nas universidades chave. Esses consultores nunca viram os próprios pacientes. A consistência do seu controle pode ser apreciado pelo trabalho de perito, que entre 14 de novembro e 1 de dezembro de 1940, avaliaram 2.109 questionários (ALEXANDER, 1949).

No discurso oficial, o programa de extermínio nazista incluiria psicóticos, enfermos com doenças crônicas, portadores de distúrbios neurológicos e orgânicos, como Parkinson, tumores cerebrais, esclerose múltipla, paralisia infantil, todos em estado terminal, no entanto, o critério adotado na prática era a incapacidade laborativa permanente, os “comedores inúteis” (*useless eaters*) (NUREMBERG MILITARY TRIBUNALS, Vol. 1, 1946-1949).

O método usado, em uma primeira fase, era a exposição dessas pessoas ao gás carbônico; depois foi utilizado o “ZYCLON B”, o gás cianeto, já que era mais eficiente. Os nazistas camuflavam os dispositivos de dispersão do gás em chuveiros, assim, os pacientes, segundo relata Viktor Brack² em seu depoimento, caminhavam calmamente e ficavam esperando a água com seus sabonetes nas mãos. Esse testemunho contradiz frontalmente a propaganda nazista segundo a qual os selecionados para o programa eram pacientes terminais completamente incapazes (eles não poderiam se locomover e tomar banho com tamanha facilidade sem ajuda, como faziam as pessoas descritas por Brack).

De acordo com o historiador Michael Burleigh (1994), o Programa Nazista de extermínio era uma parte do esforço de guerra alemão, concebido para poupar dinheiro e recursos ou garantir espaço para a alocação dos germânicos desempregados ou repatriados. A agenda do programa não era médica, embora tardiamente ela tenha sido justificada a partir de considerações médicas.

A “eutanásia” praticada pelos nazistas não procurava, de nenhuma forma, proporcionar uma “boa morte” para aqueles pacientes em estado terminal que já não desejavam mais continuar vivendo. Os Nazistas não possuíam qualquer sentimento de consideração pelo sofrimento alheio; procuravam, na realidade, realizar o projeto de melhoramento do *Volk* ariano e de eliminar o “fardo social” causado por essas pessoas; reconheciam que o que faziam era o contrário dos interesses dos pacientes e não desejavam

² Um dos responsáveis pelo programa T4. Oberfuehrer (Coronel Senior) na SS e Sturmbannführer (Major) na Waffen SS; Oberdienstleiter, Kanzlei des Führers (Diretor Administrativo e Chefe da Chancelaria do Führer).

justificar isso publicamente; para camuflar suas práticas, falsificavam os atestados de óbito.

De pouco vale afirmar [para as pessoas que acreditam dogmaticamente que a eutanásia é um projeto nazista] que aquilo que os nazistas chamavam de “eutanásia” nada tinha a ver com sentimentos de solidariedade pelo sofrimento dos que foram mortos, nem de preocupação com eles; tratava-se, pura e simplesmente, do assassinato de pessoas consideradas indignas de viver do ponto de vista racista do Volk alemão (SINGER, 2006).

Para os nazistas, se esses excluídos não possuíam valor enquanto vivos, poderiam ser utilizados depois de mortos. Seus corpos e, preferencialmente, o cérebro, foram enviados a várias universidades para serem objeto de pesquisas científicas. Um grande número de indivíduos selecionados para o programa de extermínio também foi utilizado como cobaias em uma pesquisa denominada “experiência terminal humana” (RASCHER apud ALEXANDER, 1949), na qual, para a experiência ser bem sucedida, o resultado teria que ser a morte.

Nesses programas, foram desenvolvidos muitos métodos de esterilização, métodos de extermínio individual através da inoculação de bacilos; testava-se a eficiência do assassinato através da utilização de vários tipos de venenos, dentre muitas outras experiências cujo objetivo consistia em encontrar métodos de execução rápida, 100% eficientes, imperceptíveis e que, em casos de autópsias, produziriam resultados indicativos de morte natural.

O Major Alexander (1949) denuncia a existência de uma colaboração conveniente entre os médicos e os cientistas que se submetiam à ideologia nazista, alcançada através da perversão da opinião pública pela propaganda oficial; esta se manifestou no declínio dos padrões éticos tradicionais que valorizavam a vida e a substituição da ética e moral baseadas em valores religiosos por um princípio filosófico de “utilidade racional” derivado da filosofia hegeliana. Para Alexander (1949), o surgimento do nazismo vincula-se estreitamente a essa colaboração, e, para evitar que ela ressurja, é preciso evitar qualquer posicionamento que procure justificar a existência ou, inclusive, a possibilidade de se pensar em uma “vida que não vale a pena ser vivida” (*lebensunwertes Leben*). O conceito de *lebensunwertes Leben* era utilizado em relação a todas aquelas pessoas que

não mereciam viver, porque, devido as suas características, eram uma mácula para o *Volk*.

O Extermínio Nazista e os Debates sobre a Eutanásia

Alexandre argumenta que o programa de “eutanásia” nazista começou destinado apenas a pacientes internados e em estado grave, mas, com o tempo, ganhou dimensões gigantescas³; teria sido o instrumento usado para o treinamento de pessoal e desenvolvimento dos métodos que seriam empregados para os extermínios eugênicos ocorridos nos campos de concentração.

Sejam quais foram as dimensões assumidas por esses crimes [nazistas], tornou-se evidente para todos aqueles que os investigaram, que eles tiveram um início pequeno. No começo, era apenas uma acanhada mudança de ênfase na atitude básica dos médicos: a aceitação da atitude, base do movimento de eutanásia, de que existe uma vida que não vale a pena ser vivida (as life not worthy to be lived). Em seu estágio início preocuparam-se apenas com os doentes graves e crônicos. Gradualmente, a esfera dos que deveriam ser incluídos nessas categorias foi alargada para enquadrar os socialmente improdutivos, os ideológica e racialmente indesejados, e, finalmente, todos os não germânicos. Mas é importante perceber que o infinitamente pequeno foi alavancado e que toda essa tendência recebeu seu impulso da atitude para com os doentes incuráveis (ALEXANDRE, 1949).

A conclusão, implícita, do artigo é bastante clara: um programa, ao não considerar a vida humana inviolável, “sagrada”, originou as atrocidades nazistas; portanto, para evitar o ressurgimento desse tipo de ideologia, deve-se combater qualquer programa, filosofia, ideologia etc., não importam as suas motivações e razões, que propõem a morte de seres humanos mesmo se eles solicitarem ou se já estiverem prestes a morrer.

Argumentos derivados dessa linha de raciocínio ainda são amplamente utilizados para condenar a eutanásia, veja-se a polêmica declaração do ministro italiano Carlo Giovanardi:

A legislação nazista e as idéias de Hitler são re-emergentes na Europa através da lei de eutanásia holandesa e no debate sobre matar crianças doentes”, disse o ministro dos Assuntos Parlamentares Carlo Giovanardi em um programa de rádio italiano na última sexta-feira. Ele disse

³ Ao analisar os registros dos campos de extermínio afirma que foram mortas cerca de 275.000 pessoas. Estimativas atuais calculam a morte de 100.000. Ver: <http://www.t4holocaust.com/t4story/t4story.html>.

que é “eugenia” debater sobre matar crianças “que estão doentes ou têm síndrome de Down”. “Nós poderíamos aplicar isso facilmente aos cidadãos idosos, [disse ele] (GIOVANARDI apud SCHULTZ, 2006).

Um exemplo cáustico da relação entre eutanásia e os debates sobre direitos de vida e morte e a suposta sustentação dos debates na ideologia nazista foi relatado pelo australiano Peter Singer. O filósofo e alguns de seus colegas foram convidados, entre 1989 e 1991, para proferirem palestras na Alemanha sobre temas controversos de ética prática, em especial o aborto, o infanticídio e a eutanásia. Singer relata que grande parte dessas conferências foi cancelada e, nas restantes, ele foi recebido à vaia e impedido de debater seus pontos. Em Frankfurt, os manifestantes acusaram os organizadores das conferências de deixar um “fascista” e “defensor do moderno extermínio de massas” falar; em Kirchberg, os opositores ameaçavam encenar o espetáculo “Kirchberg sob os nazistas” (SINGER, 2006)⁴.

Os exemplos anteriores evidenciam que muitos grupos defendem uma relação DIRETA entre eutanásia, eugenia, desrespeito pelas pessoas e o holocausto e consideram tudo como obra de Hitler e seus ideólogos⁵.

Considerações Finais

Não se pode, no entanto, concordar que as práticas nazistas sejam consideradas qualquer tipo de eutanásia, mesmo se entendermos o conceito em um sentido amplo⁶.

⁴ Esses são apenas dois exemplos citados por Singer. Para a completa exposição, remeto a Singer (2006, apêndice).

⁵ Singer (2006) examinou as estratégias usadas por esses grupos: evitam o debate de qualquer questão delicada; demonstram o horror por quem o faça; duvidam de modo sarcástico de que a eutanásia e o aborto possam se passar por filosofia e traçam um paralelo entre os argumentos a favor dessas práticas e o que os nazistas fizeram ou pensaram: “É evidente que os alemães ainda lutam para haverem-se com o seu passado, e a Alemanha tem um passado que quase chega a desafiar a compreensão racional. O que se verifica, porém, é um tom especial de fanatismo em alguns dos segmentos alemães do debate sobre a eutanásia. Esse tom vai além da oposição normal ao nazismo; em vez disso, começa a assemelhar-se à própria mentalidade que tornou o nazismo possível. Enquanto isso, tanto no que diz respeito à vida acadêmica quanto à imprensa, alemães e austríacos demonstraram um lamentável desrespeito ao compromisso exemplificado pela célebre frase atribuída a Voltaire ‘Não concordo com o que você diz, mas defenderei até a morte o direito de dizê-lo.’” (SINGER, 2006).

⁶ Para Feliz (2006), “corroborando o exposto apresentamos as considerações de Caplan que destaca: ‘nenhuma acusação ética é mais devastadora do que as praticas nazis’. Prossegue alegando que muitos críti-

A seleção daqueles que seriam submetidos aos procedimentos para a eutanásia era realizada através de questionários impessoais mecanicamente analisados por profissionais treinados para esse fim e que nunca examinavam pessoalmente os pacientes. A escolha era baseada unicamente no peso social exercido por essas pessoas ao não trabalharem e precisarem de cuidados especiais.

Os nazistas não agiam motivados por sentimentos altruístas em relação aos doentes, não procuravam poupá-los de sofrimentos profundos. Nunca, e isto é fundamental, levavam em consideração os interesses que essas pessoas possuíam em relação à sua vida; não os consideravam pessoas autônomas e capazes de decidirem sobre o que queriam em uma situação de doença terminal ou grave incapacidade. Nos casos em que eles não possuíam a capacidade para tomarem uma decisão autônoma, não consultavam as famílias e responsáveis que pudessem estar aptos para tomarem uma decisão.

A prática nazista era fundamentada em uma ideologia que considerava o *Volk* ariano a raça detentora de superioridade moral e intelectual sobre todas as outras. O que os nazistas cometeram foi genocídio. Por essas razões, não existe justificativa para associar a eutanásia no contexto das discussões médicas contemporâneas ao extermínio nazista. Dissociar essas duas práticas, certamente, favorece uma discussão mais racional e menos apelativa sobre a permissividade ou proibição da eutanásia.

cos das práticas eutanásicas atuais aduzem que elas diferem muito pouco do movimento nazi, consubstanciando-se pelo menos na fase incipiente de um esforço programático para terminar as vidas de alguns pacientes". Sgreccia, em seu famoso Manual de Bioética, avança ao reconhecer que os argumentos dos nazistas para justificarem a eutanásia não são os mesmos aduzidos pelos teóricos contemporâneos e que não possui justificativa relacioná-los, mas, retornando à tese da relação que anteriormente havia rejeitado, atribui a origem do nazismo e da concepção moderna de eutanásia a um mesmo princípio básico, o que é o mesmo que atribuir à eutanásia e ao nazismo uma única base filosófica. Segundo Sgreccia (1996), "É certo que não coincidem as razões aduzidas pelos defensores da [eutanásia] de hoje, e a análise deve ser feita em sentido objetivo e desapaixonado. Há um ponto comum, no entanto, entre as teorias nazistas e a moderna ideologia pró-eutanásia, ou seja, a falta do conceito de emergência-transcendência da pessoa humana; quando falta esse valor, intimamente ligado à afirmação da existência de um Deus pessoal, o arbítrio do homem sobre o homem deverá ser reivindicado pelo chefe político de um regime absoluto ou pelas exigências do individualismo".

Referências

ALEXANDER, L. Medical Science Under Dictatorship. **New England Journal of Medicine**, July, 14, 1949. Disponível em: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJM194907142410201>. Acessado em 08/04/2012.

BURLEIGH, M. **Death and Deliverance: "Euthanasia" in Germany, c. 1900-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIERICHS, R. **Beitrag zur psychischen Anstaltsbehandlung Tuberkuloser**, Zischr. f. Tuberk., 4:24-28, 1936.

ECKSTEIN, C. Medical Science Under Dictatorship - **Introduction by C. Eckstein**. Disponível em: http://www.chninternational.com/leo_alexander_.htm. Acessado em 08/08/2009.

FELIZ, C. M.. **Eutanásia: reflexo jurídico-penais e o respeito à dignidade da pessoa humana ao morrer**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

NUREMBERG MILITARY TRIBUNALS. **Trials of War Criminal before the Nuremberg Military Tribunals under Control Council Law nº10**. Vol. 1 - Medical Cases. Washington D. C.: U. S. Government Printing Office, 1946-1949)

SCHULTZ, G. Italian Minister Accuses Holland of "Nazism" for Euthanasia Laws. Monday March 20, 2006. **LifeSitesNews.com**. Disponível em: <http://www.lifesite-news.com/ldn/2006/mar/06032003.html> Acessado em 07/08/2009.

SGRECCIA, E. **Manual de Bioética: Fundamentos e Ética Biomédica**. Tradução de Orlando Soares Morina. São Paulo: Loyola, 1996. v. 1.

SINGER, P. **Ética Prática**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Eutanásia: emergindo da sombra de Hitler. Tradução de Alice Xavier. In: _____. **Vida Ética**. Os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade. São Paulo: Ediouro, 2002.